

O MUNDO SEM ÁFRICA: UMA ANÁLISE SOBRE AS INVENÇÕES AFRICANAS E SUA INFLUÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA



THE WORLD WITHOUT AFRICA: AN ANALYSIS OF AFRICAN INVENTIONS AND THEIR INFLUENCE ON CONTEMPORARY SOCIETY

LAURA CRISTINA BORGES

Graduação em História pela Faculdade Instituto Superior de Educação Campo Limpo Paulista (2015); Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Faconnect (2024); Professora de Ensino Fundamental II – História – na EMEF Mário Lago.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir como seria o mundo contemporâneo sem as principais invenções oriundas do continente africano. Muitas dessas contribuições foram invisibilizadas pelo eurocentrismo, mas tiveram papel central no desenvolvimento da ciência, da cultura, da tecnologia e da organização social global. A partir de revisão bibliográfica fundamentada em autores como Cheikh Anta Diop, Elikia M'Bokolo, Achille Mbembe, Ngũgĩ wa Thiong'o, Barbara Karine e outros, busca-se refletir de forma contrafactual o impacto da ausência de tais invenções. Conclui-se que a humanidade seria profundamente empobrecida em múltiplos aspectos sem as contribuições africanas.

Palavras-chave: África; Invenções; Epistemicídio; Descolonização; Ciência.

ABSTRACT

This article aims to discuss what the contemporary world would be like without the major inventions originating from the African continent. Many of these contributions have been rendered invisible by Eurocentrism, but they played a central role in the development of science, culture, technology, and global social organization. Based on a literature review grounded in authors such as Cheikh Anta Diop, Elikia M'Bokolo, Achille Mbembe, Ngũgĩ wa Thiong'o, Barbara Karine, and others, this article seeks

to reflect counterfactually on the impact of the absence of such inventions. It concludes that humanity would be profoundly impoverished in multiple ways without African contributions.

Keywords: Africa; Inventions; Epistemicide; Decolonization; Science.

INTRODUÇÃO

A África é comumente representada, no imaginário coletivo, a partir de estereótipos relacionados à pobreza, guerras e atraso tecnológico. Essa visão eurocentrada ignora o papel fundamental do continente como berço da humanidade e como espaço de inovação científica, cultural e tecnológica. O problema de pesquisa que orienta este artigo é: como seria o mundo atual sem as principais invenções africanas? O objetivo geral é analisar a relevância dessas invenções, destacando sua influência no mundo contemporâneo. Metodologicamente, este estudo baseia-se em revisão bibliográfica crítica, com enfoque em autores que resgatam a centralidade da África na história mundial, como Cheikh Anta Diop (2014), Achille Mbembe (2018), Ngũgĩ wa Thiong'o (2009) e Barbara Karine (2022).

De acordo com Diop (2014), não se pode compreender a história da humanidade sem reconhecer a centralidade da África. Esse autor aponta que civilizações como o Egito Antigo foram pioneiras na matemática, medicina, arquitetura e escrita, influenciando diretamente o desenvolvimento europeu e asiático. Achille Mbembe (2018), por sua vez, discute a noção de necropolítica, refletindo sobre as formas de poder que continuam a desumanizar corpos negros, inclusive pela negação histórica de suas contribuições.

Barbara Karine (2022), em sua obra **A História Preta das Coisas**, propõe um resgate das invenções, criações e saberes africanos e afro-diaspóricos que foram apagados ou apropriados pelo Ocidente. A autora chama atenção para o epistemicídio – conceito também discutido por Boaventura de Sousa Santos – como processo sistemático de apagamento dos saberes não europeus.

Ngũgĩ wa Thiong'o (2009) contribui com a perspectiva de descolonização da mente, apontando que a linguagem e a cultura foram instrumentos centrais de dominação. Assim, recuperar a história africana implica também revalorizar sua contribuição material e imaterial para a humanidade.

EPISTEMICÍDIO E A INVISIBILIZAÇÃO DA ÁFRICA

Cheikh Anta Diop (2010) foi pioneiro ao demonstrar, com rigor histórico e arqueológico, que o Egito Antigo fazia parte da matriz cultural africana e que a ciência, a matemática e a filosofia desenvolvidas ali influenciaram diretamente a civilização ocidental. Molefi Kete Asante (2009) reforça

essa perspectiva ao propor a afrocentricidade como um paradigma de interpretação que recoloca a África no centro da narrativa histórica.

No campo contemporâneo, Bárbara Karine (2022), em *A História Preta das Coisas*, evidencia como objetos, alimentos e práticas cotidianas, muitas vezes invisibilizados, têm origem africana e moldam até hoje o mundo moderno. A autora reforça a ideia de que o racismo estrutural não apenas marginaliza sujeitos, mas também apaga materialidades e conhecimentos.

Para Santos (2007), o epistemicídio é a face mais profunda do colonialismo, pois opera na destruição das condições de legitimidade dos saberes não ocidentais. A invisibilização das invenções africanas, portanto, é parte de um processo mais amplo de dominação e hierarquização do conhecimento.

EPISTEMICÍDIO E RACISMO ESTRUTURAL: DUAS FACES DA MESMA MOEDA

O Brasil é um país que se orgulha de sua diversidade cultural, mas a realidade por trás dessa narrativa é marcada por séculos de desigualdades e violências. Para compreender como o racismo opera no país, é essencial entender dois conceitos interligados: o racismo estrutural e o epistemicídio. Juntos, eles explicam como a discriminação racial não é apenas uma atitude individual, mas um sistema que silencia e apaga a história, a cultura e o conhecimento de grupos minorizados.

O racismo estrutural se refere a um conjunto de normas, práticas, políticas e instituições que perpetuam a desigualdade racial, mesmo sem a intenção explícita de indivíduos. Ele não se manifesta apenas em xingamentos ou atos de ódio, mas em como a sociedade está organizada. É uma lógica invisível que coloca pessoas brancas em posições de privilégio e sub-representa, marginaliza e violenta pessoas negras.

Desigualdade econômica e social: A população negra, que representa a maioria da população brasileira, ainda é a que mais sofre com a pobreza e o desemprego. A herança da escravidão e a falta de políticas de reparação histórica impediram o acesso à terra, à educação e a oportunidades, perpetuando um ciclo de desigualdade.

Sistema de Justiça Criminal: A polícia brasileira mata mais pessoas negras e pobres, e as cadeias estão superlotadas de jovens negros. As estatísticas mostram que, mesmo com a mesma infração, uma pessoa negra tem maior probabilidade de ser presa e condenada a penas mais longas do que uma pessoa branca.

Mercado de Trabalho: Pessoas negras, mesmo com a mesma formação e qualificação, ganham menos do que pessoas brancas. Além disso, a sub-representação em cargos de liderança e a invisibilidade de profissionais negros em certas áreas (como a academia, a política e a mídia) são reflexos dessa estrutura.

O epistemicídio é o assassinato do conhecimento, a anulação ou deslegitimação de saberes produzidos por grupos oprimidos. No contexto brasileiro, o epistemicídio é a violência histórica contra

o conhecimento dos povos indígenas e da diáspora africana. Ele ocorre quando o saber de uma cultura é considerado "inferior", "não-científico" ou "folclórico" em relação ao conhecimento europeu.

Educação Eurocêntrica: Nossos currículos escolares, por muito tempo, foram baseados em uma visão de mundo europeia. A história do Brasil era contada a partir do ponto de vista do colonizador, e a história da África e dos povos indígenas era negligenciada ou apresentada de forma distorcida. O conhecimento ancestral, como a medicina baseada em plantas, as tecnologias de agricultura ou a filosofia africana, não eram considerados "ciência".

Criminalização de Práticas Religiosas: Por séculos, religiões de matriz africana como o candomblé e a umbanda foram perseguidas, criminalizadas e associadas ao "mal" e ao "demoníaco". Essa perseguição não visava apenas as práticas religiosas em si, mas o conhecimento, a filosofia e os valores que elas carregam.

Invisibilidade na Academia e na Mídia: O conhecimento produzido por intelectuais negros, ativistas e comunidades tradicionais é frequentemente marginalizado. Suas pesquisas e perspectivas são menos publicadas em revistas científicas, menos citadas em trabalhos acadêmicos e raramente ganham destaque na grande mídia, perpetuando a ideia de que o conhecimento "válido" é aquele produzido por pessoas brancas em instituições eurocêntricas.

O racismo estrutural e o epistemicídio se alimentam mutuamente. O racismo cria as condições para que o conhecimento de um grupo seja considerado inferior, enquanto o epistemicídio, ao invisibilizar esse conhecimento, justifica a marginalização e a exclusão social. Combater o racismo, portanto, exige não apenas lutar contra a discriminação individual, mas dismantelar as estruturas que perpetuam a desigualdade e valorizar a diversidade de saberes

AS INVENÇÕES AFRICANAS E SEU IMPACTO GLOBAL

Ciência e Matemática

O Egito Antigo foi responsável por importantes avanços matemáticos, como o desenvolvimento de sistemas numéricos, cálculo de áreas e a própria álgebra. Sem tais contribuições, não seria possível conceber a ciência moderna, que depende da base matemática para estruturar a física, a engenharia e a economia. A criação do calendário solar, com 365 dias, também é um exemplo do legado africano que estrutura nossa vida cotidiana.

Agricultura e Alimentação

Diversos alimentos que compõem a dieta mundial têm origem africana. O café, domesticado na Etiópia, é hoje uma das bebidas mais consumidas do mundo. Da mesma forma, o sorgo, o milhete e o inhame tiveram origem no continente africano e foram fundamentais para a segurança alimentar de várias regiões. Sem essas contribuições, o comércio agrícola global teria se configurado de forma radicalmente distinta.

Medicina e Saúde

O Papiro de Ebers, datado de 1550 a.C., apresenta tratamentos médicos que anteciparam práticas modernas. O uso de plantas medicinais, difundido em várias sociedades africanas, compõe até hoje a base da farmacologia. A ausência dessas práticas teria limitado significativamente o desenvolvimento da medicina ocidental.

Tecnologia e Metalurgia

A civilização Nok, na Nigéria, foi pioneira no trabalho com ferro, antecedendo inclusive algumas técnicas europeias. Esses avanços tecnológicos permitiram o desenvolvimento de ferramentas agrícolas, armas e estruturas arquitetônicas. As grandes construções africanas, como as pirâmides do Egito, a cidade de Lalibela (Etiópia) e Tombuctu (Mali), são exemplos da sofisticação tecnológica africana.

Cultura, Arte e Música

A cultura africana exerceu influência direta sobre quase todos os ritmos musicais contemporâneos, como o jazz, o blues, o samba, o reggae e o hip hop. Sem essa matriz, a identidade cultural global seria empobrecida. Além disso, a escrita hieroglífica egípcia é um dos sistemas de registro histórico mais antigos, abrindo caminho para a sistematização do conhecimento.

O DESAFIO DE ENSINAR HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NA SALA DE AULA

A implementação da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, representa um marco fundamental para a educação no Brasil. No entanto, sua aplicação vai além da simples inclusão de um tema no currículo. Ela exige uma profunda reflexão pedagógica e um compromisso real com a desconstrução de uma narrativa histórica eurocêntrica e a valorização das contribuições africanas.

A LEI 10.639/2003 E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A lei não é apenas um adendo curricular; ela é uma ferramenta de combate ao racismo e à discriminação. Ao reconhecer a importância da cultura, história e contribuições do povo negro na formação da sociedade brasileira, a lei promove a autoestima de estudantes negros e a conscientização de todos sobre a diversidade e a riqueza de nossa identidade. A educação, nesse sentido, se torna um espaço de justiça social, onde se pode resgatar narrativas silenciadas e construir uma sociedade mais equitativa.

DESAFIOS E METODOLOGIAS NA PRÁTICA DOCENTE

Apesar da importância da lei, sua aplicação enfrenta desafios significativos. Muitos docentes não tiveram formação adequada para abordar o tema e os materiais didáticos disponíveis muitas vezes são escassos ou inadequados. A prática docente, nesse contexto, exige uma mudança de

paradigma, passando de uma abordagem meramente informativa para uma pedagogia engajada e transformadora.

Algumas metodologias de ensino que podem auxiliar nesse processo são:

Abordagem Interdisciplinar: A história africana não deve ser confinada à disciplina de história. Ela pode ser integrada a outras áreas, como literatura, com a leitura de autores africanos e afro-brasileiros; geografia, com o estudo dos diversos países e etnias da África; artes, com a exploração da música, dança e artes plásticas africanas; e ciências, abordando as contribuições de cientistas e pensadores africanos.

Uso de Fontes Diversas: É fundamental ir além dos livros didáticos. A valorização da história africana exige o uso de fontes primárias e secundárias variadas, como documentários, filmes, músicas, depoimentos, mitos e lendas. A internet, museus e centros culturais também podem ser ótimas fontes de pesquisa.

Projetos de Pesquisa e Aprendizagem Ativa: Em vez de apenas transmitir conteúdo, o professor pode atuar como mediador, incentivando os estudantes a se tornarem protagonistas de seu próprio aprendizado. Projetos que abordam temas como o legado da escravidão, a cultura afro-brasileira, a luta por direitos e a representatividade negra em diversas áreas, permitem aos alunos desenvolverem uma visão crítica e aprofundada.

Diálogo e Experiência em Sala de Aula: A troca de experiências é crucial. O professor deve criar um ambiente seguro para o diálogo, onde os estudantes se sintam à vontade para compartilhar suas percepções, questionar estereótipos e desmistificar preconceitos. Trazer convidados, como ativistas, artistas, historiadores ou membros da comunidade negra, pode enriquecer a experiência e dar voz a quem vive e representa essa história.

A aplicação da Lei 10.639/2003 não é apenas um cumprimento de uma norma, mas uma oportunidade de construir uma educação mais justa, inclusiva e que valorize a rica herança africana. O desafio é grande, mas a recompensa de formar cidadãos mais conscientes e respeitosos é inestimável.

Diante desse cenário, é urgente a implementação de ações estruturantes e intersetoriais, entre as quais destacam-se: formação docente antirracista continuada – baseada em marcos teóricos como os de Paulo Freire, Lélia Gonzalez e bell hooks, Barbara Karine, para desenvolver práticas pedagógicas críticas e inclusivas; revisão curricular com centralidade na história e cultura afro-brasileira – conforme determina a Lei 10.639/2003, garantindo que o conteúdo escolar represente e valorize as identidades negras e as contribuições para a construção da sociedade.

É necessário resgatar a ancestralidade positivando nossas experiências a partir das negras potências que constituíram nossos povos, com um processo pedagógico emancipador de todos os envolvidos neste, principalmente as crianças e juventudes negras a quem foi negado o direito de aquisição de memórias ancestrais potencializadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imaginar um mundo sem as invenções africanas implica pensar na ausência de bases matemáticas essenciais, na inexistência de alimentos hoje centrais para a economia mundial, na estagnação da medicina e no empobrecimento cultural global. Sem a África, a humanidade não teria alcançado o mesmo nível de desenvolvimento científico, tecnológico e artístico.

Ao imaginar um mundo sem essas invenções, observa-se que não apenas o desenvolvimento científico e econômico teria sido profundamente diferente, como também a própria identidade cultural da humanidade seria radicalmente alterada. O exercício contrafactual evidencia a centralidade da África no processo civilizatório e denuncia o silenciamento produzido pelo colonialismo e pelo racismo epistêmico.

As invenções africanas são estruturais para a construção do mundo moderno. A invisibilização dessas contribuições não é casual, mas parte de um projeto histórico de negação da centralidade africana no processo civilizatório. Reconhecer esse legado é tarefa urgente para a descolonização do conhecimento e para a superação do racismo estrutural.

A valorização da África enquanto produtora de ciência, cultura e tecnologia não apenas resgata uma história negada, mas também abre caminho para a construção de epistemologias plurais. Como afirma Bárbara Karine (2022), compreender a “história preta das coisas” é compreender a história da própria humanidade.

Uma abordagem educacional antirracista onde a folclorização da população negra e indígena não seja ação pedagógica recorrente, onde as ações pedagógicas não sejam apenas sobre samba, feijoada, as religiões de matriz africana, capoeira e etc. Que essas discussões se apropriem do currículo escolar no sentido de qual lugar é reservado para pessoas negras no desenrolar da história do mundo, ensinando conhecimentos africanos ancestrais, tais como: saber médico, químico, náutico, sanitário, matemático entre outros exemplos de conhecimentos científicos ancestrais africanos, visando uma educação potencializadora de vidas negras ao invés de folclorizá-las colocando-as unicamente nesse lugar de entretenimento, sendo assim uma educação que se mobiliza através da presença e não da ausência da prerrogativa de intelectualidade.

Mais do que uma demanda educacional, o enfrentamento ao racismo estrutural e o epistemicídio nas escolas é um imperativo ético e democrático. A transformação desse cenário exige compromisso político e social, pois a educação, para ser de fato emancipadora, deve romper com as estruturas que perpetuam a desigualdade e abrir caminho para que crianças negras periféricas deixem de ser moldadas como “bons escravos” ou “maus cidadãos” e passem a ser reconhecidas e valorizadas como protagonistas de sua própria história e passem a valorizar a riqueza das contribuições africanas para a construção do mundo, contribuições essas que foram negados e deslegitimados.

A inclusão de referências que mostrem a diversidade e a grandiosidade e a diversidade do continente é vital para a formação de uma autoimagem positiva e empoderada, pois a ausência de heróis, cientistas e filósofos na história ensinada nas escolas pode fazer com que estudantes se sintam sem referências, transmitindo a mensagem velada de que a contribuição de seu povo para o mundo é insignificante, ou que a inteligência e a capacidade de inovar são exclusivas de outras culturas, podendo gerar um sentimento de vergonha e uma tentativa de se afastar de sua própria identidade para se encaixar em padrões eurocêntricos.

Um trabalho político pedagógico que apresenta as riquezas e a complexibilidade das contribuições africanas para a ciência, a filosofia, a engenharia e a medicina, por exemplo, oferece a estudantes negros a oportunidade de se enxergarem como herdeiros de um legado de genialidade e resistência. Isso desafia o racismo estrutural e epistêmico e fortalece a autoestima dos estudantes mostrando que a contribuição negra para a história da humanidade é inegável e fundamental.

REFERÊNCIAS

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

KARINE, Bárbara. *A História Preta das Coisas*. São Paulo: Pallas, 2022.

DIOP, Cheikh Anta. *Civilization or Barbarism: An Authentic Anthropology*. Chicago: Lawrence Hill, 2014.

M'BOKOLO, Elikia. *História da África Negra*. Lisboa: Edições 70, 2011.

NGŨGĨ WA THIONG'O. *Descolonizar a mente*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2010.

UNESCO. *General History of Africa*. Paris: UNESCO Publishing, 2010.

Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003